

APRESENTAÇÃO DO VOLUME

“Museu de Tudo” é um nome que evoca a obra de João Cabral de Melo Neto. O autor sem nenhum tipo de embaraço define a obra como um “depósito do que aí está”. A definição cabralina, longe de evocar uma ideia pejorativa, na verdade lança luz sobre objetos artístico-científicos que habitam um mesmo *locus*. Tal concepção espacial já se apresentava à cultura ocidental em seus gregos primórdios. Ao voltarmos um pouco na história da cultura do Ocidente, nos deparamos com este *locus* privilegiado: o Museu. A forma latina dessa palavra provém de μουσείον, o santuário dedicado às Musas gregas, deusas protetoras das artes. Neste espaço todas as artes eram reunidas e continuamente celebradas. Entretanto, não seria prudente qualificar esse lugar de excelência como um armazém de velharias. Na verdade, ao pensarmos assim, perdemos de vista a maior glória de um Museu: a sua vitória sobre o tempo. Dessa forma, semelhantemente a esse *locus* privilegiado, este volume tenta também, na medida do possível, vencer o tempo em sua pior manifestação, a do esquecimento. Por meio dela então, regressamos à origem das artes, à seu estado nascente, à deusa Memória *de quem as Musas de dourados diademas provieram* (ἐξ ἧς οἱ Μοῦσαι χρυσάμπυκες ἐξεγένοντο. Hesíodo, Theog. v. 916).

Neste volume, a organização editorial do volume **Museu de Tudo IV: tema livre**, que aqui apresentamos, impôs aos editores não só as dificuldades habituais da publicação de um volume, quase artesanal em vista da falta de apoio mais amplo, mas também as dificuldades inerentes ao se preparar um volume heterogêneo em uma unidade. As diversas categorias em que cada artigo aqui poderia ser inscrito, demandam o esforço de organizar esse material em uma harmonia minimamente coerente. De fato, o *corpus* dos artigos publicados não coincide em suas especificidades. Ao navegarmos pelo volume, nos depararemos com obras analisadas de diversos países e, pelo menos, três continentes. Contemplam-se também análises de romance, poesia, literatura infantil, jornais e textos dramáticos. Dentre as míriades teóricas, é nula nos artigos a perquirição por repetição: do fantástico ao dramático, uma amplitude avassaladora. Ainda assim, seguindo o estagirita, tomamos como imperativo seu conselho de que *aquilo que é composto por partes é preciso não só possuir partes ordenadas, mas também uma magnitude disposta não por acaso. O belo, de fato, reside na magnitude e na ordem*. ὁ συνέστηκεν ἐκ τινῶν οὐ μόνον ταῦτα τεταγμένα δεῖ ἔχειν ἀλλὰ καὶ μέγεθος ὑπάρχειν μὴ τὸ τυχόν· τὸ γὰρ καλὸν ἐν μεγέθει καὶ τάξει ἐστίν, Poet. 1450b35-ss).

Dessa forma, abrimos o volume, com dois artigos voltados à literatura africana. O artigo “O PESCADOR CEGO” (1988) E AS ESTRATÉGIAS DE CONSTITUIÇÃO DO INSÓLITO NO CONTO DE MIA COUTO, de autoria de Antonio Ismael Lopes de Sousa, Ana Cristina

Teixeira de Brito Carvalho e Gisélia Brito dos Santos, “*objetiva identificar o conjunto de estratégias de composição do insólito no cerne dessa narrativa, de modo a compará-la com outras concepções teóricas acerca de formas estéticas semelhantes (ao insólito) na literatura ocidental.*” Da prosa à poesia, ainda em continente africano, o artigo HIRONDINA JOSHUA: OS ÂNGULOS DA ALMA DO POETA, de Olavo Barreto de Souza, investiga “*como se constituem os trâmites da metapoesia – a reflexão sobre o fazer poético no poema –, na obra Os ângulos da casa, da escritora moçambicana, Hirondina Joshua.*”

Da África à América do sul, adentrando terras brasileiras, no artigo NADA A ESCONDER: A NUDEZ DO CORPO E DA ALMA NA OBRA DE NELSON RODRIGUES, de Adriano de Paula Rabelo, o autor pesquisa a nudez e o desnudamento como categorias expressivas nas mais diversas obras do escritor. Nele, o autor analisa “*textos escritos em diversos gêneros explorados por Nelson Rodrigues, traçando também um panorama da relação das sociedades ocidentais com a nudez e examinando como ele pratica o desnudamento de seus personagens, de seu público e de si mesmo como estratégia literária.*” Em A VIDA COMO RITO DE PASSAGEM EM O AMANUENSE BELMIRO, DE CYRO DOS ANJOS, de Rodrigo Felipe Veloso, problematiza-se “*o conceito dos ritos de passagem vivenciado pelo protagonista Belmiro Borba em O Amanuense Belmiro, de Cyro de Anjos, a partir das reflexões de Arnold Van Gennep, em seu livro Os ritos de passagem, ao trabalhar com três ritos específicos: separação, margem e agregação.*” Por fim, efetivando-se o deslocamento em terras brasileiras, o artigo CHAPEUZINHO AMARELO, DE CHICO BUARQUE: ENTRE A TRADIÇÃO E A INOVAÇÃO, de Cristiano Camilo Lopes e Isabel Orestes Silveira, examina as duas versões da obra literária *Chapeuzinho Amarelo*, de Chico Buarque. Nele, os autores, com base no exame das obras, argumentam que “*a linguagem visual reflete diferentes contextos*” e “*que a releitura de um clássico da literatura infantil com um enfoque renovado no medo combinado com as ilustrações transformadoras de Ziraldo e Berlendis sugerem uma mudança nas expectativas culturais e na forma como as histórias são contadas.*”

Saindo do campo estrito da literatura para adentrar o campo da tradução, o artigo A FORMAÇÃO DO TRADUTOR NA ESPANHA: UM OLHAR SOBRE O GRADO EN TRADUCCIÓN E INTERPRETACIÓN NA UNIVERSIDAD DE SALAMANCA E AS COMPETÊNCIAS TRADUTÓRIAS, de Carla Mary S. Oliveira, apresenta “*as características curriculares do curso de Grado en Traducción e Interpretación da Universidad de Salamanca, Espanha, e discute sua relação principalmente com os subcomponentes da Competência Tradutória definidos por José Luiz Vila Real Gonçalves.*” Por último, encerrando o volume, o artigo JORNAIS E PUBLICAÇÕES CULTURAIS DE SANTIAGO DE CUBA E A CRÍTICA LITERÁRIA ENTRE 1825 E 1869:

ETAPAS FUNDACIONAIS, de Ivan Gabriel Grajales Melian e Yessy Villavicencio Simón, apresenta as etapas iniciais da evolução da crítica na cidade de Santiago de Cuba, “*com ênfase na caracterização dos principais jornais e publicações culturais nas quais foi divulgada, e uma amostra de alguns dos autores, temáticas e textos mais importantes registrados, entre 1825 e 1869, a fim de especificar seu processo evolutivo.*”

Assim, o volume **Museu de Tudo IV**, sob a perspectiva dos mais variados temas aqui apresentados, perfaz um movimento na tentativa de espacializar as temporalidades dispersas da produção científica em uma unidade orgânica. Em tempo também, é preciso perorar que sem carnes, nervos e ossos não há ciência. Produzi-la envolve debater, compreender, aplacar ânimos, esperar, desistir, elogiar, organizar e finalizar; e, caso se deseje ver apenas uma atividade mental nesses atos, é o corpo quem confere o limite, definitivamente. De corpo e alma, então, entregamos mais um volume. A revista Graphos agradece autores, avaliadores, sua equipe, futuros leitores e, sobretudo, à FAPESQ que financiou a revisão dos artigos. Todos esses esforços contribuíram para dar continuidade ao propósito inabalável dessa revista, a divulgação científica.

Juliana Henriques de Luna Freire
Marco Valério Classe Colonnelli
(Editores do volume)